



“FECHAR OS OLHOS PARA VER NO TEMPO”: ESPAÇOS DA GUERRA E DA PANDEMIA NA LITERATURA PARA A INFÂNCIA

“CLOSING THE EYES TO SEE IN TIME”: SPACES OF WAR AND PANDEMIC IN
CHILDREN’S LITERATURE

Dulce Melão*

2

Resumo: Este artigo norteia-se pelo objetivo de repensar os espaços da guerra e da pandemia no tecido literário que dá corpo ao livro-álbum *A GUERRA* (LETRIA, 2018). O referencial teórico mobilizado tem o seu fulcro: i) nas linhas orientadoras da topoanálise (BORGES FILHO, 2007; 2015); ii) no aparato peritextual e suas reverberações na narrativa (GENETTE, 1987). A análise realizada incide: i) nas tessituras do espaço reconfiguradas no peritexto e na forma como ganham corpo no livro-álbum; ii) na “arquitetura da dor” projetada na espacialidade humana imbricada em micro e macro espaços, de cujo diálogo resulta a representação da guerra como espaço-personagem onde a pandemia se imbrica. Conclui-se que os espaços da guerra e da pandemia entrelaçados na narrativa visual se regeneram, em doença e dor, através da relação texto/imagem, e desaguam numa “mudez polifónica” que os reconfigura. Desejos de paz eclodem de tal comoção, redesenhando os espaços que lhes dão voz.

Palavras-chave: guerra; pandemia; literatura para a infância.

Abstract: This paper aims to rethink spaces of war and pandemic in the picturebook *THE WAR* (LETRIA, 2018). The theoretical background draws from: i) the guidelines of topoanalysis (BORGES FILHO, 2007; 2015); ii) the peritextual apparatus and its reverberations in the narrative (GENETTE, 1987). The analysis carried out focuses on: i) the layers of space reconfigured in the peritext and the way they take shape in the picturebook; ii) the “architecture of pain” projected in human spatiality imbricated in micro and macro spaces, from whose dialogue results the representation of war as space-character where the pandemic is imbricated. The paper concludes by emphasizing that the spaces of war and pandemic intertwined in the visual narrative regenerate themselves, in disease and pain, through the text/image relationship, and flow into a “polyphonic mute” that reconfigures them. Desires for peace erupt from such commotion, redesigning the spaces where they flourish.

Keywords: war; pandemic; children’s literature.

* Escola Superior de Educação de Viseu, Instituto Politécnico de Viseu, CI&DEI. E-mail dulcemelao@esev.ipv.pt

INTRODUÇÃO

Em “O vice-viajante”, crônica publicada na revista *Visão* a 6/8/2020, Mia Couto desvela um conjunto de percursos norteados, porventura, pela busca de lugares de apaziguamento onde o caráter invertebrado das palavras colhe alimento. Na referida crônica, a narração da epidemia da varíola que invadiu uma aldeia carece, aqui, de atenção, por ter chegado de braço dado com a guerra: “Quem trouxe essa doença? – perguntavam. As doenças não se trazem. Acendem-se. É como o fogo: aquilo já lá está. Nós somos apenas fósforos. E somos a palha que arde e a cinza que resta” (COUTO, 2020, p. 7). Doença e guerra, entendidas como “os dois braços de um mesmo corpo” (p. 7), onde confluem tempestades e medos.

Reler a guerra enquanto pandemia e vice-versa convoca, pois, renovado exercício de cuidados. Como frisam Pereira, Giuliani, Santos e Roque (2020), a recorrência do uso de expressões que remetem para uma analogia entre pandemia e guerra pode ganhar distintas metamorfoses, não devendo converter-se em narrativa simplificada que extinga os seus ecos. A retórica do conflito e do inimigo deve, de acordo com as autoras, implicar-nos, antes, na prossecução de objetivos norteados por práticas de cuidado que contribuam para o bem comum e afastem representações de reforço “identitário e nacionalista (...) ou autoritários, patriarcais e punitivos” (PEREIRA, GIULIANI, SANTOS & ROQUE, 2020, p. 16).

Os acordes dos silêncios que emanam da guerra, qual pandemia que abre espaços grávidos de destruição e de morte, desnudam paisagens ecléticas, invadidas por dores e por medos que ali ganham avultado corpo (através dos múltiplos itinerários que a página possibilita percorrer). Como sublinha Eco (2016), “(...) mesmo quando opta por espaços de silêncio tácito, a reflexão sobre a guerra requer, no fim, que este silêncio se manifeste em voz alta”. Tal como sucede ao grito silencioso que tomba e ecoa nos movimentos pandémicos que invadem a contemporaneidade.

Neste contexto, temos como objetivo dar a ler, a ver e a repensar a pandemia no tecido literário que dá corpo ao livro-álbum *A GUERRA* (LETRIA, 2018), seguindo linhas orientadoras da topoanálise (BORGES FILHO, 2007; 2015) mas também, encarando-a

enquanto tela de reverberações acolhidas através do aparato peritextual (GENETTE, 1987) e das suas travessias. Tecido, ainda, da *escuta profunda*, como a define Boaventura de Sousa Santos: “Escutar, obviamente, os outros. Escutar a natureza. Escutar a partir das suas percepções, e não unicamente das nossas. Escutar é tentar experienciar efetivamente a incompletude do conhecimento” (SANTOS, 2020, p. 87).

No âmbito de tal escuta, procuramos, ainda, o cuidado implícito nas seguintes palavras de Calvino (2009, p. 117):

(...) sempre lhe sucedeu que certas coisas – um muro de pedras, uma concha vazia, uma folha, um bule – se lhe apresentassem como que pedindo uma atenção minuciosa e prolongada (...) O senhor Palomar decidiu que daqui para a frente redobrará as suas atenções: em primeiro lugar, para não deixar fugir os apelos que lhe chegam das coisas; em segundo lugar, para atribuir à operação de observar a importância que ela merece.

Apoiando-nos no referencial teórico apontado, propomo-nos refletir sobre os espaços representados no livro-álbum selecionado, encarando-os como elos de uma fluidez temporal que possibilita reconciliar os modos como o nosso olhar demora nas páginas que cingem narração e visão. Associar-lhe-emos, mais adiante, o que designaremos de “mudez polifônica do espaço” – paradoxo que reconvoca o repensar da nossa percepção do(s) mundo(s) em que repetidamente nos reposicionamos.

Procuramos reler ainda a guerra enquanto espelho de revelação de linhas de que se tece a pandemia, justamente pelas opções da sua representação multifacetada, ao assumir-se como espaço-personagem que reconfigura ativamente distintos modos de repensar os transbordamentos espaciais que ecoam nesta narrativa.

Para dar cumprimento aos objetivos traçados, este capítulo está organizado em duas partes. Primeiramente, tecemos breves considerações sobre algumas das re(a)presentações da guerra na literatura para a infância no livro-álbum contemporâneo, enquanto esteios da sua relevância nos gestos do movimento pandémico. A partir desta tela, mapeamos A GUERRA (Letria, 2018), incidindo no seu aparato peritextual como matéria-prima de reconstruções de espaços (re)vistos e escutados, numa pluralidade de reverberações. Seguidamente, o crescimento dos movimentos bélicos e pandémicos deste livro-álbum é indagado e desvelado através da análise macro e micro espacial que os leitores são

convidados a percorrer – de modo lento ou veloz – de acordo com a partitura de serenidade ou dor singrada na página.

O apelo ao detalhe – que desmesuradamente o livro-álbum convoca – é retomado em cada um dos espaços de deambulação dos leitores que esta análise busca, também, dar a ler, na felicidade de cada recomeço.

A GUERRA NA LITERATURA PARA A INFÂNCIA – ECOS DE (SOBRE)VIVÊNCIAS

É reconhecida a presença das “(...) figurações da guerra na ficção, independentemente do seu preferencial destinatário extratextual” (SILVA, 2017, p. 17), entendidas, hoje como esteio de um conjunto de “tópicos fraturantes” que importa repensar (SILVA, 2018). No que respeita à literatura portuguesa para a infância, tal presença tem sido alvo de atenção, sendo vincada a diversidade assumida pelos conflitos bélicos nesse amplo tecido. Os tópicos contemplados incluem, como sublinha Ramos (2004), os conflitos pós-coloniais, o repensar da História de Portugal e questões relativas à segunda guerra mundial, particularmente o Holocausto e o extermínio do povo judeu.

No mapeamento que realiza sobre o tratamento da temática dos conflitos bélicos no sistema educativo português, tendo por base as propostas de leitura veiculadas nas *Metas curriculares de português para o ensino básico* (BUESCU, MORAIS, ROCHA & MAGALHÃES, 2015), Silva (2017) sublinha o caráter multifacetado do *corpus* textual sugerido para cada ano de escolaridade. Destaca, ainda, a importância de abrir perspectivas para algumas obras publicadas no século XXI, pelo seu contributo para a formação dos leitores, nomeadamente no que concerne ao álbum narrativo contemporâneo.

Na sequência do mencionado, apontamos percursos de possíveis re(a)apresentações da guerra enquanto possibilidades de releitura da pandemia reveladas em alguns livros-álbum recentes. A breve síntese elencada tem por objetivo mostrar algumas das linhas de que tal re(a)apresentação se pode tecer, privilegiando relações profícuas com os seus desdobramentos espaciais.

A seleção dos livros-álbum apresentados a seguir obedeceu a três critérios: i) o tema central e sua contiguidade com a pandemia; ii) a centralidade do espaço como *locus* primordial à compreensão da narrativa; iii) a data de publicação em Portugal, salvaguardando a contemporaneidade que nos pareceu, neste caso, relevante.

Começamos com *O princípio*, livro-álbum da autoria de Paula Carballera (CARBALLEIRA, 2012), ilustrado por Sonja Danowski. Aí se narram as sobrevivências de uma família com duas crianças soterradas numa guerra que tudo destrói à sua passagem, exceto o amor. As ruas que se reabrem amplamente no espaço citadino, em planos muito próximos do olhar dos leitores, exibem destruição, mas também o silêncio e o vazio que ecoaram (há pouco) em outras ruas desertas em função da pandemia, por todo o mundo. A travessia das páginas, onde eclodem escombros que agigantam o espaço exterior, é parco refrigério que acomoda o manto cinza que o delinea. Das vozes de que se urde tal espaço, os leitores vão (re)colhendo, de modo intenso, a respiração da presença do vazio. Porém, nas permanentes cisões da guerra, a infância salva. “Um dia, alguém começou a brincar. Outro dia, uma menina que ninguém conhecia, soltou uma gargalhada” (CARBALLEIRA, 2012) – e a esperança, neste caso, passa a iluminar a escuridão, em breve dissipar de sofrimentos.

Em *A viagem* (SANNA, 2018) o fio condutor da narrativa acolhe uma família cujo cotidiano sereno é invadido, subitamente, pela chegada da guerra. O relato de tal chegada ecoa o caráter demolidor do movimento pandémico: “Todos os dias começaram a acontecer coisas horríveis à nossa volta e, em pouco tempo, o nosso mundo mergulhou no caos” (SANNA, 2018, s/p). Morte e destruição moram no luto exibido, de modo cru, através dos espaços retratados (a praia, a floresta, as estradas, por exemplo) e os medos associados à guerra e à incerteza do futuro (que levará a família a tentar encontrar refúgio fora da sua pátria) plasmam-se no peso da escuridão das noites, bem como no inesperado dos dias. No final, a esperança é retomada, na expectativa do reencontro de uma casa, onde a história recomeça.

Publicada em Portugal no mesmo ano, *Rosa branca* (INNOCENTI & GALLAZ, 2018), com o Holocausto como pano de fundo, ganha contornos de especificidade ausentes das duas obras anteriormente mencionadas. No entanto, o cenário de guerra pintado através do olhar de uma menina alemã renasce e ressoa, sobretudo, nas mudanças operadas no quotidiano nas ruas da cidade e no horror do lugar onde o arame farpado rodeia outras crianças, presas num campo de concentração. A generosidade da menina – que passa a compartilhar comida com tais crianças – caminha a par com a expansão dos distintos espaços onde a guerra eclode, abrindo brechas de esperança. O pormenor e o realismo das ilustrações possibilitam a criação de uma empatia forte com a dor que delas transpira.

Capitão Rosalie (FOMBELLE, 2020) é palco de outros gestos da guerra, transversais à pandemia. Nas entrelinhas e nos espaços onde, com lentidão, se move, a guerra estende-se amplamente – qual doença cujos tentáculos vorazes invadem o cotidiano de uma menina, Rosalie, a protagonista da narrativa. O pai partiu para combater; o seu professor “(...) só tem um braço desde que voltou da guerra” (FOMBELLE, 2020, p. 11). A aprendizagem da leitura, redesenhada no percurso inesperado de Rosalie, percorre a tonalidade cinza dos espaços que a rodeiam. No silêncio profundo da aldeia onde mora, a dor ecoa nas ausências presentes – misto de paz tolhida. O luto, no entanto, dá lugar a expansões de luz quando, da união da dor entre a mãe e a filha, transborda amor.

MAPEAMENTOS DO OLHAR NO LIVRO-ÁLBUM A GUERRA

Publicado pela Pato Lógico, editora portuguesa que tem premiado os leitores, recorrentemente, com propostas belas e arrojadas de celebração da literatura, o livro-álbum *A GUERRA* (LETRIA, 2018) – na inusitada escolha das suas tessituras – recebeu o aplauso unânime da crítica, tendo conquistado inúmeros prêmios, a nível nacional e internacional (entre eles, o Prémio Nacional de Ilustração, em 2019 e o White Ravens, em 2018).

A GUERRA (LETRIA, 2018) partilha com as obras anteriormente citadas espelhos de dor, de lutos e de vazios, mas distingue-se delas pelo caráter invulgar que assume o tratamento do conflito bélico, de modo muito vivo, numa escuridão que acolhe uma plêiade de sensações que toca o olhar dos leitores. É certo que “A morte nunca se aprende, mas pode saber-se de cor. As guerras sabem-no. E as epidemias” (FERREIRA, 2013, p. 168).

Neste livro-álbum, a nudez e a mudez dos espaços (co)movem os leitores de modo muito intenso, pelos mo(vi)mentos de que se reconstroem, redigindo mapas onde ancoram ruidosos sussurros. Detenhamo-nos, pois, nestes, na sua brevidade urdida de espantos inesperados e avassaladores. Na bela reflexão perscrutadora de tempos e de espaços que nos abrigam e nos obrigam a(o) olhar, Peter Handke questiona: “Que seria de nós sem o sussurrar? E que palavra lhe corresponde? O sim (mudo). Fica connosco, sussurro” (HANDKE, 2020, p. 49). No embalo das sibilantes, o sossego. De novo a serpentear nuances do olhar, acomodando espaços de ausências presentes.

Na página, corpo que vai pesando e pulsando ao longo da narrativa visual, erguem-se indagações em catadupa, resultado de um conjunto de revisões de espaços que os leitores são convidados a vivenciar, de modos diversificados, à medida que a guerra se desenrola –

espaços de sussurros, de pesado silêncio, do eclodir do grito. Como refere Manguel (2020, p. 30), “Construímos a nossa história através de ecos noutras histórias, através da ilusão da autorreflexão, através do conhecimento técnico e histórico, de rumores, devaneios, preconceitos, iluminações, escrúpulos, ingenuidade, compaixão, sagacidade”.

Os percursos de redescoberta dos espaços aqui propostos reconfiguram, em nosso entender, os entrelaçamentos da atual convivência pandémica com as travessias da percepção traçada através do redesenho da guerra, nas vozes de José Jorge Letria e de André Letria. Instigando movimentos do olhar que deambula entre múltiplos reposicionamentos espaciais que (se) demoram na guerra, há medos (germinadores) de silêncios cuspidos – inexoravelmente – pela pandemia, auspiciando amplas pluralidades. Espaço(s) escutado(s) e olhado(s), na proposta aqui apresentada que ganha fôlego nas secções delineadas a seguir.

PERITEXTOS – TESSITURAS DO ESPAÇO

Ao refletir sobre a realidade “na literatura infantil”, Brites (2019) dá conta da sua visão do livro-álbum que analisamos, sublinhando o seguinte: “Aqui a guerra é um animal que se apropria e expande, um verme, uma ave predadora e mordaz, um insecto dissimulado e usurpador; é uma mancha de cor nebulosa, escura, parda, pesada” (BRITES, 2019, p. 19). Embora estejamos de acordo com a autora no que se refere à relevância assumida pela expansão da guerra no tecido textual – bem como a abertura a ampla analogia com a experiência pandémica – consideramos que outros aspetos com ela se conciliam, possibilitando uma análise de cariz pluridimensional que as tessituras do espaço iluminam.

No livro-álbum *A GUERRA* (2018) o espaço delineia-se, ergue-se e ganha fôlego a partir do aparato peritextual. Não sendo esta uma característica inusitada do livro-álbum contemporâneo, merece aqui destaque pelas suas ressonâncias e carácter pluridimensional.

Capa, contracapa e lombada reúnem-se para configurar um espaço uno, de profunda opacidade, nutrida pela seleção de uma paleta cromática que redesenha, ao mesmo tempo, o céu e o mar – em verde-pálido e amarelo-cinza. A forma sólida de um navio que os atravessa planta feridas na página, alicerça o carácter inóspito do espaço e agiganta-o. Pelo contraste que assume relativamente às dimensões que ostenta, o homem que se vislumbra no navio a perscrutar o horizonte vazio carece de atenção. Da proa, alimenta o espaço através da ausência do olhar, aspeto vincado pelo uso de um elmo medieval, ocultando o seu rosto. A indumentária que usa, identificando-o como membro da hierarquia militar, funde-se no

espaço em que se insere e reforça o cariz bélico da capa do livro. Simbolicamente, homem cego pela vontade em participar em cortejo de mortes anunciadas; perigo que assoma, sem rosto definido – qual pandemia ameaçadora, mas, ainda, oculta.

Na capa, importa destacar ainda a relevância do posicionamento do título, no espaço que lhe foi reservado. A opção pelas letras maiúsculas, a negrito, já reverbera o seu protagonismo, instalando e prenunciando desolações. No entanto, ao posicionar-se, horizontalmente, em linha com a proa do navio e ao contrastar com a verticalidade do homem que aí se avista, o título convoca reflexão maior sobre o papel exercido pelo domínio do primeiro na orquestração do ato bélico, em infeliz sobrançeria.

Capa e contracapa do livro possibilitam, pois, releituras do espaço assumido enquanto *locus* do repensar da matéria humana de que se entretetece, neste caso abrindo brechas que funcionam como resistência à sua interpretação e incomodam – positivamente – os leitores.

Alinham-se, ainda, em amplo desassombro, as guardas iniciais e finais do livro, guardiãs de prolongamentos espaciais inusitados. A opção pelo preto, instilando uma opacidade transgressora, possibilita, no caso das primeiras, conferir maior profundidade ao espaço, dominado por uma paisagem pantanosa onde vultos de aranhas e de serpentes de algum porte (unidos a outros insetos rastejantes) alimentam medos em gritante repugnância – abundantemente plasmada numa mudez que desnuda experiências de dor, unidas pelo desamparo, em movimentos que se adentram no coração. Relembremos Ondjaki, em *O livro do deslembramento* (ONDJAKI, 2020, p. 101): “O medo é feito de coisas pequenas / e uma pessoa, dentro, tem milhares de espaços / pequeninos. Quando o medo chega, ocupa um desses / lugares e cresce/ às vezes o medo é isso: uma coisa de dentro”.

O espaço exterior retratado, tenha ele uma dimensão macro, como sucede na capa e na contracapa nos tons verdes do céu e do mar em unísono, ou uma dimensão micro, em mergulho agudo no pântano das guardas iniciais e finais, assume laivos de interioridade, pelos modos como instala uma plêiade de sensações nos leitores, desassossegando-os plenamente – “Porque o interior está para além da pele, porque se forma e manifesta em relação” (OLAIO, 2020, p. 60).

ARQUITETURAS DA DOR – NO DESAMPARO DA PÁGINA

A guerra, protagonista da narrativa, pode ser encarada, de modo porventura invulgar e versátil, enquanto espaço-personagem, pelos distintos moldes em que é reapresentada,

através da ilustração. Tal sucede, em primeiro lugar, pelo destaque conferido à floresta – micro espaço metamorfoseado em macro espaço pelas dimensões que assume na dupla página.

Em primeiro lugar, a opção pela apresentação de uma floresta árida, cujo corpo se nutre de uma multiplicidade de árvores decepadas que se alinham diante dos leitores, possibilita ecoar a dor do vazio que se arrasta, com força, na palidez das páginas. Para o robustecer reiterado de tal dor, contribui, ainda, a aparição subsequente, em grande plano, do recorte, em pormenor, de parte da floresta: uma fileira de árvores cujos troncos, idênticos, se vestem de nudez e desencanto profundo. A atenção ao detalhe avulta na página: um corvo, amparado no pequeno ramo de uma das árvores, redesenha a mudez do espaço, prenunciando mortes (entre o avançar sorrateiro das aranhas e das serpentes que aí se escondem, castigando o olhar). Tal como a doença, sombra inesperada de perenes desassossegos.

O crescendo do movimento bélico é também acentuado pela repetição das ausências esculpidas no espaço delineado, concretamente nos seus desdobramentos. Tal arquitetura da dor é aparentemente amenizada por um momento de abertura espacial rara, nas brechas da negritude da guerra, através da representação ampla do céu em tons de branco, lugar de escuta do voo de uma ave – qual instante de luz envolvendo o olhar dos leitores. No entanto, “A guerra rasga o dia como uma doença sussurrada e veloz” (LETRIA, 2018, s/p). E a ferida aberta na tessitura visual, reacende-se, repetidamente.

A guerra enquanto espaço-personagem adquire, pois, uma duração sustentada de contornos peculiares que, em nosso entender, encontra sentido no modo com Handke (2020) a procura (persistentemente) definir, encarando o “(...) sentimento da duração como um acontecimento do acto de escutar,/do acto de compreender” (HANDKE, 2019, p. 25). Uma espacialidade temporal cuja continuidade não se esgota no momento e à qual é possível regressar. Abraço cruel, o da guerra, que “(...) sabe sempre onde a temem e a esperam” (LETRIA, 2018, s/p).

No espaço-personagem que os leitores habitam, destaca-se a casa enquanto negação do abrigo esperado. A apresentação da mesma transtorna e incomoda, pela densidade do peso que assume a seus olhos. O confinamento, representado através da frieza das linhas do bloco retangular que incorpora a casa, parece escancarar-se diante dos leitores, oferecendo o pesar do medo que lhe está associado em tempos de pandemia.

O prolongamento da sensação de vazio que o espaço exterior vocifera é, assim, alargado pela dimensão da casa, espécie de pedra angular do sofrimento alinhado nos espaços anteriormente revisitados – conglomerados na guerra, espaço-personagem (gera)dor de inquietudes. Para tal contribui, ainda, o vasto conjunto de janelas desenhadas na fachada da casa, replicando fechamentos e contrariando a sua função de deixar entrar o ar e a luz, ao apelar a asfixias.

Assiste-se, pois, à completa negação da casa nos termos em que a define Bachelard (1975) – um espaço que abriga, eivado de paz e promotor de recolhimento – ou o poeta Ruy Belo para quem “Só as casas explicam que exista / uma palavra como intimidade / Sem casas não haveria ruas / as ruas onde passamos pelos outros / mas passamos principalmente por nós” (BELO, 2020). Nesta circunstância, a casa não é escudo protetor da hostilidade externa – antes lhe dá continuidade e lhe acrescenta nuances mais acentuadas. Como sublinha Bollnow (2019, p. 309): “Mesmo que nós não queiramos, artificialmente, exagerar na analogia, podemos considerar a casa de certo modo um corpo expandido, com que o homem se identifica de modo semelhante e pelo qual ele, correspondentemente, se classifica num espaço circundante maior”. Em tal corpo se desdobra a guerra, em articulação com o espaço interior, no âmbito do qual se destaca a sala, seguidamente alvo da nossa atenção.

A extensão da guerra casa adentro é pormenorizadamente reconstituída por múltiplos contrastes postos em jogo, através do modo como a ilustração e o texto dialogam. As janelas da sala, de altura desmesurada, incutem peso ao espaço, tal como os reposteiros que o alicerçam. O general sem rosto, voltado de costas para os leitores, que assoma à janela fechada, é minúscula partícula instigadora de áspera reflexão sobre o modo como o nosso posicionamento no espaço o vai reconfigurando e transformando. A fixidez espacial promovida pela relação de contraste entre o homem (minúsculo) e a janela (apresentada com tamanho descomunal) perpetua-se, também, através do contraste com a abertura de outra janela da sala – possibilitando, de modo reiterado, a entrada de aranhas, uma serpente e alguns insetos rastejantes.

A urdidura tecida não é sinal de amparo, mas de renovação de medos e respiração de angústias. A aproximação, em grande plano, do torso do homem, possibilita reforçar a posição hierárquica superior que ocupa (general, ostentando cinco estrelas), bem como mostrar a invasão da sua farda por insetos de vários tamanhos e formatos, simbolizando a corrosão temporo-espacial de que se veste a guerra. Uma corrosão permanentemente visível

no corpo que a carrega (que a pandemia também assume, quando a olhamos com atenção), em travessia de medos que ultrapassam os limites da página, ganhando outros espaços. Um corpo em ruína(s), dela(s) se alimentando.

Por seu turno, na ampla mesa da sala, a guerra agiganta-se perante o olhar atento do seu líder. Neste caso, o ambiente visual percebido pelos leitores grita a aridez geométrica da desproporcional mesa retangular, bem como do mapa que sobre ela se estende – objeto, por norma, destilador de orientações. Nas linhas a tracejado ou tenuemente desenhadas que ostenta, articula-se o vazio do espaço, despojado de nomes de terras e de gentes, tela nua de que se compõe o corpo da guerra (revestida de ausências presentes).

Mapear a guerra, tal como a pandemia, é exercício permanentemente redutor e penoso. Também esta “(...) invade o sono brando dos inocentes” (LETRIA, 2018, s/p). Os rostos da guerra, quadros-quase, pendurados na parede da sala, narram a dureza da maldade e do horror representados através de um conjunto de capacetes que simbolizam distintas épocas de conflitos hediondos (desde a Idade Média, ao holocausto nazi e a Bonaparte...). A ausência da paisagem humana instala uma espacialidade dolorosa que renova os contornos do caráter inexoravelmente esmagador da guerra – como se lê no texto, “A guerra tem todos os rostos que a maldade impõe” (LETRIA, 2018, s/p).

Para além dos aspetos mencionados, os macro espaços Céu e Terra carregam o peso da guerra que os torna vertebrados. Descrições como “A guerra é uma máquina de dor. A fábrica malévola de todas as guerras” (LETRIA, 2018, s/p) ou “A guerra é o destino exato da nossa aflição” (LETRIA, 2018, s/p) iluminam, na página, travessias de obscuridades.

Em Terra, amplos espaços exteriores abrem-se em aglomerados de fábricas de componentes bélicos que conferem uma tonalidade verde-negro à narrativa, mesclando-lhe a negritude do fumo cuspidor por chaminés cuja altura se desvela em gume, ferindo o céu e o olhar dos leitores. O complexo fabril desenhado alarga as dimensões espaciais e os edifícios, idênticos, espelham a função monocórdica do descuidar.

No hangar e na base aérea onde se alinham os aviões destaca-se a sua disposição regular que apela ao movimento rítmico em voo – qual tela de Mondrian¹ em padrão abstrato de linhas cinza, pinceladas de branco adormecido. No campo de batalha, reverbera o desenho dos soldados em movimentos de violência lenta, mas feroz. Homens e tanques de

¹ Referimo-nos, em concreto, a uma das suas obras-primas, “*Molhe e oceano*” (1915).

guerra dão robustez ao seu corpo disforme, na geometria perfeita do delineamento – em permanentes disparos sobre outros corpos, sem dar tréguas, pois, “A guerra é o último esconderijo da morte” (LETRIA, 2018, s/p).

No céu verde-cinza, a replicação dos aviões em movimento, ostentando diferentes dimensões, aponta para modos de convivência no espaço que oprime pelo caráter amplo do sofrimento que ecoa – “A guerra é o destino exato da nossa aflição” (LETRIA, 2018, s/p). Tal aflição é também corroborada pela intensa chuva de bombas e seu consequente rebentamento na dupla página do livro, em doloroso gesto provocado pelo avassalador transbordamento espacial que se estende no olhar dos leitores – e aí desagua, para formar novas tempestades. A ausência, pelo seu peso, torna-se presente. A espacialidade humana tomba.

Eis, então, a guerra. Espaço-personagem (des)dobrada em múltiplos espaços que a reconstroem e a revigoram em opressores recomeços. “A guerra é silêncio” (LETRIA, 2018, s/p) impregnado na narrativa visual, embebendo a página que os leitores recolhem no olhar – espaço bélico e pandêmico pelas dores que aí se digladiam, em cada (re)leitura, no constante desamparo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste capítulo, através da análise realizada, procuramos reler a guerra à luz da pandemia e vice-versa, em movimentos de eclosão da morte e da dor que as atravessam. Ambas se redesenharam ao longo da reflexão, tendo, também, como fulcro rever o espaço excrescente que transborda dos espaços interiores e exteriores que se dão a ver e a ler.

A guerra ergueu-se como espaço-personagem, lida à luz da pandemia que hodiernamente envolve, de modo inexorável, quotidianos, promovendo uma reflexão profunda sobre posicionamentos nos espaços em que nos inscrevemos. Ao configurar uma arquitetura da dor que trespassa os leitores, *A GUERRA* (LETRIA, 2018) oferece desassossegos e interroga percepções da espacialidade humana em tecido inóspito, fluindo em permanência. A inquietação que germina dos espaços recriados é uma abertura à doença que se vai disseminando e se ergue neste livro-álbum de modo cru – o surto da ganância do ser humano pela conquista dos espaços sobre os quais pretende exercer poder mas que resulta, afinal, em profundas perdas.

Do exposto se pode inferir que a guerra não se inicia e termina na narrativa que corporiza. Porque não se trata de “uma” guerra ou de “uma” pandemia; é, antes, “a” guerra – espelho da condição humana que reflete o percurso maior e o desafio perene de nos reconhecermos no exercício de cuidar do cuidar. Sempre em velozes instantes acomodados em espaços grandemente pequenos – espaços-metamorfose da espacialidade humana neles urdida.

Ao “Fechar os olhos para ver no tempo” (BARROS, 2016, p. 62) os leitores escutam o permanente recomeçar da guerra, redesenhando os gestos ásperos da pandemia. Veem, também, “nu tempo” – na medida em que é despojado de si e da celeridade gritante do cotidiano – e são convidados a folhear, pausadamente, as minúcias do instante. De tal comoção, eclodem, por venturas, desejos de paz.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston (1975). *La poétique de l'espace*. Paris: Presses Universitaires de France.

BARROS, Manoel de. *Poesia completa*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.

BELO, Ruy (2020). *Todos os poemas*. Lisboa: Assírio & Alvim.

BOLLNOW, Otto Friedrich (2019). *O homem e o espaço*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná.

BORGES FILHO, Oziris (2015). Afinal de contas, que espaço é esse? In: A. M. C. Lopes, F. A. Lopes e O. B. Filho (Orgs.) *Espaço e literatura: perspectivas*. São Paulo: Ribeirão Gráfica Editora, pp. 13-39.

BORGES FILHO, Oziris (2007). *Espaço e literatura. Introdução à toponálise*. São Paulo: Ribeirão Gráfica Editora.

BRITES, Andreia (2019). Realidade na literatura infantil. *Blimunda, 80*, pp. 19-27.

BUESCU, Maria Helena Carvalhão; Morais, José; Rocha, Maria Regina; Magalhães, Violante (2015). *Programa e metas curriculares de português do ensino básico*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência.

CALVINO, Italo (2009). *Palomar*. Lisboa: Teorema.

CARBALLEIRA, Paula (2012). *O princípio*. Ilustrações de Sonja Danowski. Matosinhos: Kalandraka.

COUTO, Mia (2020). O vice-viajante. *Visão*, 1431, p. 67.

ECO, Umberto (2016). *Cinco escritos morais*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.

FERREIRA, Vergílio (2013). *Pensar*. Lisboa: Quetzal.

FOMBELLE, Timothée (2020). *Capitão Rosalie*. Ilustrações de Isabelle Arsenault. Lisboa: Orfeu Negro.

GENETTE, Gérard (1987). *Seuils*. Paris: Éditions du Seuil.

HANDKE, Peter (2019). *Poema à duração*. Lisboa: Assírio & Alvim.

HANDKE, Peter (2020). *Ensaio sobre o dia conseguido*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.

INNOCENTI, Roberto & GALLAZ, Christophe (2018). *Rosa branca*. Matosinhos: Kalandraka.

LETRIA, José Jorge (2018). *A Guerra*. Ilustrações de André Letria. Lisboa: Pato Lógico Edições.

MANGUEL, Alberto (2020). *Ler imagens*. Lisboa: Edições 70.

ONDJAKI (2020). *O livro do deslembramento*. Lisboa: Caminho.

OLAIO, A. (2020). Ficar em casa. in: J. Reis (Coord.) *Palavras para além da pandemia: cem lados de uma crise*. Coimbra: CES, p. 60.

PEREIRA, Ana Cristina; GIULIANI, Gaia; SANTOS, Rita & ROQUE, Sílvia (2020). Analogia entre pandemia e guerra, in: J. Reis (Coord.) *Palavras para além da pandemia: cem lados de uma crise*. Coimbra: CES, p. 16.

RAMOS, Ana Margarida (2004). Paz e guerra: os conflitos bélicos na literatura portuguesa para a infância. *Boletín Gallego de Literatura*, 31, 49-80.

SANNA, Francesca (2018). *A viagem*. Amadora: Fábula.

SANTOS, Boaventura de Sousa (2020). *Na oficina do sociólogo artesão*. Coimbra: Edições Almedina.

SILVA, Sara Reis da (2017). Conflitos bélicos, literatura para a infância e sistema educativo: uma reflexão necessária. *DEVIR EDUCAÇÃO*, 1 (1), 17-40.

SILVA, Sara Reis da (2018). Percursos metaficcionais: brincar às guerras na literatura portuguesa para a infância. In: García Pedreira, Rocío; Mosteiro García, Maria Josefa & Pousada Pardo, Verónica (Coords.) *Guerras e conflitos sociais de ontem e de hoje* (227-238). Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.

Recebido 20/04/2021

Aprovado 15/05/2021

